

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALANA GABRIELA DE MELO SILVA ALVES
ANANDA MOTA FERREIRA
SANDY KELLY LOURENÇO DOS SANTOS

OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA MISOGINIA NA MULHER BRASILEIRA

RECIFE 2021

ALANA GABRIELA DE MELO SILVA ALVES
ANANDA MOTA FERREIRA
SANDY KELLY LOURENÇO DOS SANTOS

OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA MISOGINIA NA MULHER BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Centro Universitário Brasileiro, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora: Carla Lopes

A474i

Alves, Alana Gabriela de Melo Silva

Os impactos emocionais da misoginia na mulher brasileira. /
Alana Gabriela de Melo Silva Alves; Ananda Mota Ferreira; Sandy
Kelly Lourenço dos Santos. - Recife: O Autor, 2021.

36 p.

Orientador(a): Carla Lopes de Albuquerque.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
Universitário Brasileiro – Unibra. Bacharelado em Psicologia, 2021.

1.Misoginia. 2.Feminismo. 3.Patriarcado. 4.Machismo. I.
Centro Universitário Brasileiro - Unibra. II. Título.

CDU: 159.9

ALANA GABRIELA DE MELO SILVA ALVES
ANANDA MOTA FERREIRA
SANDY KELLY LOURENÇO DOS SANTOS

OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA MISOGINIA NA MULHER BRASILEIRA

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia, pelo Centro Universitário Brasileiro, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a)Examinador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a)Examinador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Recife, ___/___/___

NOTA:_____

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a trajetória do curso contamos com a presença de pessoas que foram fundamentais para nosso amadurecimento pessoal, acadêmico e profissional. A este dedicamos esse espaço para dizer que somos gratas por toda colaboração, parceria e aprendizagem.

Agradecendo primeiramente a Deus e a toda espiritualidade, também gostaríamos de mostrar reconhecimento as nossas famílias que sempre estiveram do nosso lado sendo eles: Ana Carla, Maria da Conceição Francisca, Maria da Conceição Mota, Lenilson Ferreira e William Alves. A amigos que fizeram parte dessa caminhada tornando mais leve, incentivando e hoje celebra conosco: Alice Lira, Emanuela Tamires, Hayanne Marques, Jamilly Nascimento, Maria Eduarda Colaço, Rayssa Mendes e Yasmin Pimentel.

A nossa orientadora Carla Lopes também queremos mostrar nossa gratulação por toda paciência, dedicação, entrega e excelência em seu trabalho, por não apenas nos orientar, mas também acolher. Aos mestres, supervisores e coordenadores que por nós passaram e deixaram seus conhecimentos com muita dedicação, trazendo ainda mais amor por essa ciência.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 O CONCEITO DA MISOGINIA	11
2.2 A ORIGEM DA MISOGINIA	12
2.3 A PSICOLOGIA E A MISOGINIA	13
2.4 A PSICOLOGIA E GÊNERO	14
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	15
4 DISCUSSÕES E RESULTADOS	16
5 OS IMPACTOS SOCIAIS CAUSADOS PELA MISOGINIA	22
6 AS CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS PARA A VÍTIMA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

OS IMPACTOS EMOCIONAIS DA MISOGINIA NA MULHER BRASILEIRA

Alana Gabriela de Melo Silva Alves

Ananda Mota Ferreira

Sandy Kelly Lourenço dos Santos

Professora: Carla Lopes

Resumo

Dentro do seu significado, a palavra misoginia trata da aversão e repulsa pelas mulheres, sendo uma emoção de ordem patológica existente em toda trajetória da humanidade, estabelecida como a matriz para o desenvolvimento de problemas secundários dentro do progresso da autonomia feminina. O presente trabalho teve por objetivo compreender as consequências da misoginia para a vítima, e partir disso, explicar como surgiu a misoginia buscando entender a gênese da opressão e inferiorização da mulher. A pesquisa teve como ponto de partida entender o patriarcado e como ele reforça a misoginia em sua conjuntura sociocultural e econômica diante de seus posicionamentos. O estudo foi uma revisão bibliográfica, utilizando de bases históricas um levantamento do conteúdo escolhido, fazendo uma produção científica, envolvendo análise, avaliação e integração da literatura publicada. Com base nos diversos tipos de violências relacionadas direta ou indiretamente com o gênero feminino, fazendo compreender a historicidade desta disparidade, expondo os danos gerados referente à autopercepção, autoestima e amor-próprio. Destarte, trazendo a compreensão que a misoginia é em sua essência uma invenção, e não um fato histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Misoginia. Feminismo. Patriarcado. Machismo.

Abstract

Within its meaning, the word misogyny deals with the aversion and repulsion for women, being an emotion of a pathological order existing in the entire trajectory of humanity, established as the matrix for the development of secondary problems within the progress of female autonomy. The present work aimed to understand the consequences of misogyny for the victim, and from this, explain how misogyny emerged, seeking to understand the genesis of the oppression and inferiorization of women. The research had as a starting point to understand patriarchy and how it reinforces misogyny in its socio-cultural and economic situation in light of its positions. The study was a bibliographical review, using historical bases a survey of the chosen content, making a scientific production, involving analysis, evaluation and integration of published literature. Based on the various types of violence directly or indirectly related to the female gender, it makes understanding the historicity of this disparity, exposing the damage generated regarding self-perception, self-esteem and self-love.

Thus, bringing the understanding that misogyny is in its essence an invention, and not a historical fact.

KEYWORDS: Misogyny. Feminism. Patriarchy. Sexism.

1 INTRODUÇÃO

A misoginia apresenta-se como o ódio, aversão ou até mesmo desprezo às mulheres podendo ser o resultado de violência física, psicológica, sexual, bem como discriminação e objetificação sexual, podendo culminar em feminicídio (CARVALHO; MONTERANI, 2016, p. 2). Atualmente, apesar do discurso frequente de igualdade, a sociedade ainda vivencia uma crescente e constante discrepância que elucida o quão homens e mulheres ocupam diferentes posições na sociedade. Esta dicotomia tem raízes históricas que se estendem até os dias atuais através do sistema sociopolítico de poder e privilégios que assegura superioridade e soberania aos homens, o qual chamamos de patriarcado, conferindo a mulher, por outro lado, uma posição de inferioridade e submissão (BEAUVOIR, 1980, p. 64).

A partir disso entende-se que, a disparidade entre homens e mulheres surge também na contemporaneidade trazendo a compreensão sobre a necessidade emergente de entender o contexto de violência contra as mulheres, o patriarcado e como ele intensifica a misoginia no contexto sociocultural e econômico. A violência é um fenômeno cultural e social, em que vários tipos de violências estão articulados, simultâneos e inseparáveis, em um determinado contexto da sociedade. Em que de forma conceitual, foi tratada por vários estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento, como: violência econômica, violência política, violência simbólica, violência institucional, violência psicológica e violência social. (PAKRAUSKAS, 2019)

A violência de gênero também é misógina, já que se dá a partir da discriminação das mulheres apenas por serem mulheres. Dentro da desigualdade de gênero é possível observar: opressão, exclusão, subordinação, discriminação, exploração e marginalização. As mulheres são vítimas de ameaças, agressões, maus-tratos, lesões e danos misóginos. As modalidades de violência de gênero são: familiar, na comunidade, institucional e feminicida (LAGARDE, 2007, p. 33). Definição essa, dada apenas no novo milênio, após ser observado em toda América Latina e aplicado no Brasil. Antes disso a misoginia era ignorada pela legislação penal de forma que os direitos humanos das mulheres não eram necessários.

O Brasil é um país que enfrenta desigualdades em diversas áreas, e uma das que se destaca é a desigualdade de gênero. A objeção patriarcal é ainda oportuna, homens e mulheres, continuam a ser tratados desigualmente. Apesar da igualdade formal, presente na letra da lei e de importância inquestionável, é na vivência cotidiana que a ideologia que reforça iniquidades de gênero é mais explicitamente percebida. Interferindo insidiosamente nas relações sociais, produz discrepâncias que redundam em exclusões (PINHEIRO *et al.*, 2009).

Segundo Gomes (2019), a palavra “patriarcado” é de origem grega e significa *pater* (pai) e *archie* (comando), ou seja, o comando do pai. Embora a etimologia da palavra faça parecer que o patriarcado se dirige especificadamente ao “comando” de pais sobre filhos, esta é apenas uma das dimensões de seu poder. Esta construção social, cultural e religiosa detém tanto poder que até os dias atuais favorece a hierarquização das relações de sexo em que todos os indivíduos não-homens são conduzidos a um lugar de inferioridade. Há milênios a história da humanidade se vê vinculada a ideia de que as mulheres são meras representação de prazer sexual masculino e reprodutoras de herdeiros.

Essa ideia perpetuada até os dias atuais traz suas consequências emocionais e permeiam a dependência econômica que tem como resultado a permanência das mulheres a classes derivadas de maridos e pais, tomando como base o modelo da família tradicional e patriarcal. Dito isto, percebe-se que a misoginia pode ser considerada um “braço” do patriarcado trazendo no seu interior o conservadorismo, machismo e desigualdade que muitas vezes resultam em feminicídio. Outra questão que influi no processo de desigualdade social, porém que, segundo De Aguiar e Pelá (2019) “também serve no seu combate, é a educação familiar que condiciona o ser humano no modo pelo qual ele vive, onde se estabelecem os hábitos, os valores e a moral”.

De acordo com Strey (1998), “gênero, então, refere-se como a sociedade desenha seus indivíduos como homens ou mulheres. É a partir da infância que definimos nossos hábitos, valores e moral.” Desde muito cedo observa-se que os meninos são direcionados para serem mais fortes, corajosos e competitivos à medida que as meninas são educadas para serem passivas e submissas. No livro *We should all be feminists*¹ a autora relata um recorte de sua infância numa escola primária da

¹ “Nós todos deveríamos ser feministas”. Tradução das autoras.

Nigéria onde a professora buscava um monitor de classe, esquecendo de mencionar que obrigatoriamente teria que ser um menino. Para Chimamanda (2014, p. 07):

Se fizermos algo várias vezes, isso se tornará normal. Se virmos o a mesma coisa várias vezes, se torna normal. Se apenas meninos fossem eleitos monitores de classe, então em algum momento todos nós pensaremos, mesmo que inconscientemente, que o monitor de classe tem que ser um menino. Se continuarmos vendo apenas os homens como chefes de corporações, começa a parecer "natural" que apenas os homens assumam esse cargo² (CHIMAMANDA, 2014, p. 07).

Tal molde de educação sugere, desde o início, uma partição ao decretar preceitos que no futuro vão distinguir quem rege e quem é regido. Vale salientar que essa visão patriarcal transpassa gerações, por consequência disso, reduz a mulher aos padrões impostos e reconhecidos pela sociedade como pertinentes. Desse modo, emerge a premissa de que o homem possui a autorização de usar a violência para assegurar seus direitos de propriedade e de domínio sobre seus bens. E, em contrapartida, o ofício de indefesa e submissão torna intrínseco à mulher (PIRES et al., 2019)

Todos os dias mulheres morrem, são agredidas física e psicologicamente. Estudos apontam que o feminicídio – o crime de ódio baseado no gênero – vem se tornando, gradativamente, presente na rotina dos brasileiros. Ademais, a maior parte de tais crimes originaram-se por motivações passionais que, em que se pese, são provenientes de companheiros ou ex-companheiros que julgam a mulher como objeto de posse. Destarte, a incidência da violência contra à mulher reforça o estereótipo de que o homem possui direitos legítimos sobre os corpos femininos, como supracitado. (PIRES et al., 2019).

Este estudo tem como objetivo geral compreender as consequências da misoginia para a mulher brasileira e como objetivos específicos identificar o conceito da misoginia, verificar a origem da misoginia, analisar o papel da psicologia no que tange a misoginia e compreender a relação entre psicologia e gênero. Abordar bases históricas, filosóficas e religiosas do surgimento da misoginia, e a partir disto conceber o leitor reflexão a respeito, facilitando uma construção social e cultural, fazendo prevalecer a supremacia masculina e facilitando a análise dos segmentos femininos, assim como verificar suas causas e consequências emocionais para a vítima.

² Tradução das autoras.

Podendo também fortalecer as entidades que combatem a misoginia, para que exista uma ampliação do antagonismo existente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CONCEITO DA MISOGINIA

De acordo com Varela (2012, p. 12), “o termo misoginia é formado pela raiz grega "miseo", que significa odiar, e "gine" cuja tradução seria mulher, e se refere ao ódio, rejeição dos homens, aversão e desprezo pelas mulheres...” A misoginia é um sentimento de aversão patológico, que representa repulsa pelas mulheres e valores femininos, se traduz como uma prática comportamental machista, cujas opiniões e atitudes visam o estabelecimento e a manutenção das desigualdades e da hierarquia entre os gêneros.

Há dicionários que trazem definições para o termo como muito mais que ódio ou aversão às mulheres, mas também aversão ao contato sexual com as mulheres. (HOUAISS et al., 2004, p. 1934). O que mostra que a misoginia carrega um significado amplo, em que também levanta uma questão sexual, em que homens a partir dessa repulsa podem não sentir o desejo sexual pelo gênero oposto. A patologia nesse caso não só afeta as questões de desigualdade, como também pode afetar diretamente as relações entre homens e mulheres como um todo.

Carvalho e Monterani (2016, p. 2) também vão dizer “[...] que (a misoginia) pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a discriminação sexual, difamação as mulheres, violência e objetificação sexual.” (CARVALHO; MONTERANI, 2016, p. 2). Os autores trazem uma pauta sexista que busca determinar o papel social que cada gênero deve exercer, utilizando estereótipos de como falar, agir, pensar e o que vestir, ocasionando também piadas depreciativas, assédios, abusos, estupros, ou até feminicídio.

O termo surgiu pela primeira vez no *Oxford English Dictionary* em 1656 e desde o início da sua designação era como ódio e o desprezo para com as mulheres. A autora, Avigliano (2010), lembra o fato de que “a palavra Misoginia já havia aparecido em 1630 na publicação “*Swetman arraigned*” em resposta a um texto escrito por Swetman no qual ele atacava e depreciava as mulheres.” A literatura exhibe que a misoginia, nunca saiu de moda, pois como aprendido com Alambert:

As formas discriminatórias contra a mulher também se transformaram, à medida que a sociedade humana evoluiu, tornaram-se mais refinadas, sofisticadas, mas nem por isso menos inadmissíveis do que na época da pedra lascada (MOTERANI; CARVALHO, 2016, pp. 177-179).

A misoginia também pode ser apresentada como uma figura central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma sustentação importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes de piadas, pornografia, violência e autodesprezo que mulheres são ensinadas a sentir por seus corpos. (JOHNSON; ALLAN G., 2000) Retratando mais uma definição entre todas as possibilidades que a palavra carrega, em geral, sempre sustentando ódio e desigualdade.

2.2 A ORIGEM DA MISOGINIA

A misoginia esteve presente em toda a história da humanidade, das mitologias, à religião e à filosofia. Porém apenas recentemente tem-se voltado o olhar para a problemática desse sistema de crenças que vem em conjunto com o patriarcado. As colocações disseminadas por figuras históricas da sociedade se devem ao temor do que as mulheres poderiam fazer se fossem livres. Existem citações que ilustram a problemática abordada e mostram que a misoginia é uma questão antiga (STARR, 1993).

De acordo com Aristóteles (Século IV a.C) “A fêmea é fêmea em virtude de uma certa falta de qualidade [...]; pois apenas uma coisa ela não contém, que é o princípio da alma [...]”. Esse é um exemplo de que a mulher desde muito tempo é vista como figurante de um contexto social, alguém que difere demasiadamente do gênero masculino, um alguém, porém jamais com qualidades suficientes para ser protagonista de sua história. Aristóteles mostra uma construção do conceito de mulher, uma perspectiva intergeracional.

Historicamente, a construção mental negativa sobre a figura da mulher é antiga. No entanto, no período medieval, ela teve características muito peculiares, quando as diversidades da vida material foram unidas com as maquinações ideológicas da Igreja Católica para fazer surgir um feminino duvidoso e maligno. Possivelmente, a realidade concreta, mais o fomento recebido, tenham sido determinantes do comportamento

irracional da coletividade quanto a personificação da mulher como um mal sinistro e enganador. (GEVEHR; SOUZA, 2014)

O cristianismo por meio da Igreja Romana alastrou um antifeminismo agressivo, especialmente a partir do século XV. Como a cultura estava nas mãos de clérigos celibatários, que buscavam constantemente afirmar sua precedência na relação com o sagrado através das práticas do domínio do corpo, mostraram-se, então, manifestos a exaltação da virgindade e da castidade feminina e o combate à tentação, com a renúncia sexual. Fortificando a ideia de que se esses princípios não fossem seguidos, seriam tidas como impuras. (GEVEHR; SOUZA, 2014)

Trazendo a discussão para a contemporaneidade, é possível perceber que a misoginia tem sido expressa por grandes e renomados artistas e celebrada nas obras mais ínfimas e vulgares da pornografia moderna. Portanto, é uma das concepções criadas do que é mulher, qual a sua posição e definições de limitações a ela, que nasce um ódio único, perdurável, A mulher vai enxergar as indiferenças, vai colidir com elas e bate de frente com a misoginia (HOLLAND, 2010).

2.3 A PSICOLOGIA E A MISOGINIA

Spence, Deaux e Helmreich (1985) vai falar que de fato, foi preciso esperar pelos anos 90 para que uma edição do *Handbook of Social Psychology* dedicasse um capítulo ao gênero. Na edição dos anos 80, a situação da arte deste tema de pesquisa, bastante produtiva, era apresentada num capítulo cujo título não incluía o termo gênero, mas sim o de sex-roles. Ou seja, até então não havia discussão a respeito das questões de gênero e seus impactos na psicologia e quando surgiu, ainda assim, trouxe um conteúdo superficial sobre o assunto.

Com a necessidade de produzir um espaço visível e com reconhecimento para o trabalho da atual geração de investigadoras direcionou à urgência da *psychology of women*, que se institucionalizou com a criação da Divisão 35 (*Psychology of Women Division*) no seio da APA, em 1974 (Unger, 1998), e se afirmou, no seio da comunidade científica, com a fundação das revistas *Sex-Roles*, em 1975, e *Psychology of Women Quarterly*, em 1977. Mostrando os primeiros passos evolutivos em busca de cumprir o papel da psicologia nas questões de gênero.

A importância da psicologia clínica e de aconselhamento, para a emergência desta nova área de investigação, terá influência da ação de Betty Friedan nos anos 60, trazendo sua experiência profissional como psicóloga clínica e investigadora

aplicada, Friedan (1963/1998) publicará um livro sobre o mito da feminilidade, gerado na cultura americana do pós-guerra, onde denunciava o papel dos conhecimentos científicos da época para a sua consolidação e legitimação.

2.4 PSICOLOGIA E GÊNERO

A distinção sexual sobre a qual o gênero foi originalmente erguido deixou de ser uma 'mínima diferença' (Kehl, 1996, 2004). As estratégias de naturalização das desigualdades buscavam encobrir sua produção e conservar o sistema de privilégios masculinos diante da hegemonia da posição perdida pelo senhor feudal. Recorrendo aos discursos da natureza, que se misturam à política, os homens vetaram às mulheres o direito ao voto e aos estudos "simplesmente porque elas tinham vagina", predominando a ideia do sistema de dominação (Judith Butler, 2006, p. 134).

Resultados sobre as origens psicológicas das desigualdades de gênero com base no sexo biológico de homens e de mulheres podem ser encontradas nas teorias psicanalíticas, na teoria da aprendizagem social e na teoria do desenvolvimento moral e cognitivo (Freud, 1967, p. 485). Desenvolvidas tornando um único gênero, o masculino, como referência (Siqueira, 1997, p. 272). Nessa perspectiva as desigualdades de gênero são teorizadas como entidades psicológicas "internas" e estáveis, operando característica do ideário individualista da Psicologia Experimental (Araújo, 2006, p. 98).

Segundo Barca (2010)

A história é o espelho da realidade passada na qual o presente aponta para aprender algo sobre seu futuro. A consciência histórica deve ser conceituada como uma operação do intelecto humano para aprender algo neste sentido. A consciência histórica trata do passado como experiência, nos revela o tecido da mudança temporal dentro do qual estão presas as nossas vidas e as perspectivas futuras para as quais se dirige a mudança. (BARCA et al., 2010, p. 56-57).

Por sua vez, a Psicologia teve certa resistência ao conceito de gênero, porém, o ressurgimento do movimento feminista após as duas guerras, e a entrada das mulheres no campo da ciência em meados dos anos 60, foram eventos decisivos para o entendimento deste conceito. Até então, a ciência era habitada quase que exclusivamente por homens e esta condição levou as mulheres a lutarem por reconhecimento. Apenas no final dos anos 60 surgiram estudos sobre preconceito e estereótipos sexuais, mostrando que, apesar das mudanças recentes os estereótipos

sexuais eram um fenômeno generalizado na sociedade americana (AMÂNCIO, 2001, p. 11).

Para Narvaz (2009) o que hoje chamamos de estudo de gênero foi antecedida historicamente pelos estudos sobre a mulher, dominantes de 1960 à 1980. Só então nos anos 80 e 90, gênero deixa de ser um atributo da 'identidade' e passa a ser uma categoria importante para a compreensão da história, não só das mulheres como também dos homens, buscando "evidenciar como as diferenças percebidas entre os sexos foram politicamente convertidas em desigualdades e assimetrias para justificar o sistema de opressão e de exclusão das mulheres." (NARVAZ, 2009, p. 21)

Segundo Santos (2016) em sua definição mais geral:

Gênero tem sido compreendido como o produto de representações, espaços, características, práticas e expectativas que são designadas a homens, mas principalmente às mulheres, a partir da sua diferença biológica, como se fossem consequências derivadas naturalmente de um *dado* biológico (SANTOS, 2016).

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa em questão é uma revisão bibliográfica, um mecanismo que visa selecionar e realizar o resumo dos documentos que tenham relação com a temática que se pretende estudar. Projetou-se realizar um levantamento do conteúdo escolhido, fazendo uma produção científica, envolvendo análise, avaliação e integração da literatura publicada. A forma de análise será qualitativa, esse recurso traz à tona as reflexões dos pesquisadores acerca de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento, bem como a análise de diferentes perspectivas e abordagens. (FLICK, 2009)

A pesquisa foi feita por meio das bases de dados: Scielo, PePsic e Google acadêmico. Foram utilizados dez artigos que estão relacionados com o tema, através dos descritores: Misoginia, violência contra mulher, origem da misoginia, violência contra mulher, as consequências da misoginia. O fichamento foi feito mediante ao tema e resumo do material e dado preferência as publicações datadas de 2011 a 2021, contendo um artigo do ano de 2006 por ter visto importância em seu conteúdo para produção do artigo.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Durante a construção do estudo foram encontrados 40 trabalhos referentes ao tema central da pesquisa, ao final foram utilizados 18 estudos entre livros, artigos e monografias. A seguir segue tabela com os autores considerados mais significativos para construção da discussão, ao total utilizamos 10 autores para a discussão.

Quadro 1 – Resultados do Levantamento Bibliográfico

AUTOR	ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	RESULTADOS	CONSIDERAÇÕES FINAIS
Rodrigo Queiroz Aguiar e Márcia Cristina Hizim Pará	2020	Misoginia e Violência de Gênero: origem, fatores e cotidiano	Compreender qual a origem e os fatores que levam à violência de gênero.	A pesquisa traz estudos estatísticos relacionados feminicídio mostrando as evoluções trazidas a partir da edição de leis que promovem a defesa e proteção das vítimas de violência de gênero.	O trabalho conclui que o problema discutido não representa apenas uma “barreira” entre os gêneros e sim uma distorção, afetando o ser humano, que deve buscar novas formas de romper com o autoritarismo na relação entre sexos na sociedade.
Senado Federal, Coordenação de Edições e Técnicas	2019	Lei Maria da Penha e normas correlatas	Permitir o acesso do cidadão à legislação em vigor relativa a temas específicos de interesse público.	Traz um conjunto de 25 artigos referentes a Lei Maria da Penha de 2006 e normas correlatas.	Conclui-se que as leis trazidas no presente artigo visam criar mecanismos para coibir a violência e discriminação contra a mulher.
Paula Martinez da Fonseca e Taiane Nascimento de Souza Lucas	2006	Violência Doméstica Contra a Mulher e Suas Consequências	Investigar as principais consequências psíquicas trazidas à mulher vítima de violência doméstica, assim como os fatores que a predispõe.	A violência doméstica contra a mulher é um grave problema que evidencia uma cultura machista que não prejudica apenas as mulheres e deve ser reconhecido e enfrentado não só pela sociedade, mas também pelos órgãos governamentais.	Considerou-se que a violência contra a mulher causa danos tanto a saúde física quanto psíquica das vítimas, incumbindo a Psicologia a compreender as diferentes formas de manifestação desse fenômeno bem como garantir uma intervenção que propicie o surgimento de novas alternativas para lidar com esta situação.
Geisa Maria Batista Moterani e Felipe Mio de Carvalho	2016	Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica	Compreender a historicidade desta disparidade, de forma a entender que a misoginia é, em sua essência, uma invenção e não um fato histórico; Estudar os conceitos da misoginia em seus aspectos históricos e subjetivos; Estabelecer uma interlocução entre a construção histórica e a produção da	Com base nesse estudo, acredita-se que a misoginia se dá pelo ódio e desprezo para com as mulheres. Apresentou-se como posturas misóginas presentes na mitologia do mundo antigo abrem espaço para a concepção de que a misoginia é uma construção social que traz prejuízos até os dias atuais.	Concluiu-se que expressões de passividade frente a violência não são algo presente na natureza.

			subjetividade da mulher.		
Beatriz Duarte Gomes Pakrauskas	2019	Misoginia e a Violência Sexual: reflexão sobre relatos de sobreviventes	Promover a reflexão sobre a prática profissional do atendimento social em um ambulatório de violência sexual; Apresentar a estrutura de experiências a partir da escuta ativa e acolhedora de mulheres estupradas.	O presente artigo traz discussões a respeito da violência, misoginia e dados estatísticos sobre a violência sexual apresentados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.	Mostra a violência sexual como um problema de saúde pública indicando urgência na desconstrução social, havendo apropriada divulgação democrática das leis, normas e protocolos de cuidado e defesa da saúde da mulher
Luana Simões Pinheiro, Natália de Oliveira Fontoura, Ana Carolina Querino, Alinne de Lima Bonetti e Waldemir Rosa	2009	Retrato das desigualdades de gênero e raça	Disponibilizar informações de mulheres, homens, negros e brancos no Brasil.	Apresenta dados vindos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre diferentes campos da vida social para mostrar retrato atual das desigualdades de gênero e de raça no Brasil.	Conclui-se que a família ainda se mostra um espaço de grande resistência às transformações nas convenções de gênero pois enfrentam barreiras culturais muito enraizadas.
Rosely Maria da Silva Pires, Rosemary Casoli, Olavo Silva Pires e Roberta Susano Gouvea	2020	Violência contra a mulher: o macho cria o mundo e o mundo cria o macho	Discutir questões voltadas ao enfrentamento da violência praticada contra mulheres.	O estudo traz a contextualização de que a violência não é contra a mulher, mas sim, contra a humanidade perpetrada no corpo feminino.	Apresenta discussões sobre a dicotomia entre o feminino e o masculino na sociedade mostrando que o sentimento de superioridade masculina alimenta a misoginia.
Isabella Franchi Silva, Lucas França Garcia e Andréa Grano Marques	2019	A misoginia mascarada de amor nas músicas sertanejas: repercussões na saúde da mulher	Revelar a reprodução social dos estereótipos de gênero; Fornecer subsídios para a conscientização dos papéis femininos e masculinos em nossa sociedade, visando contribuir para a promoção de relações afetivas mais saudáveis	O artigo apresentou o machismo como um elemento socio-cultural que favorece a reprodução dos rótulos reducionistas. A misoginia, propagada por meio das letras de músicas sertanejas, reforça a relação de poder e padrões culturais masculinos e femininos, perpetuando as discriminações de gênero.	Propõe-se que sejam elucidados os padrões culturais machistas e misóginos propagados pelos enredos da música sertaneja de forma a conscientizar os ouvintes e a população geral, de modo a promover a ruptura de discursos que subjugam e discriminam a mulher.

Marlene Neves Strey <i>et al.</i>	2013	Psicologia Social Contemporânea	Permitir que o leitor supere a contradição enfrentada pela psicologia tradicional entre subjetividade vs objetividade.	O presente artigo traz a história da Psicologia Social e de seus desdobramentos mais recentes mostrando sua evolução em diferentes partes do mundo.	Em sua conclusão, o artigo traz informações relacionadas as vertentes da Psicologia Social em diferentes partes do mundo.
José Antônio Trasferetti	2019	Misoginia e Violência Contra a Mulher	Retratar a violência contra a mulher e as questões econômicas, políticas, culturais, de gênero, valor e comportamentais que estão envolvidas nesse desdobramento	O artigo cita a Lei Maria da Penha, além de pesquisas relacionadas ao feminicídio. Também aborda a realidade da violência doméstica no Brasil e como a sociedade patriarcal culpabiliza as mulheres. Discute também sobre punição, educação e prevenção.	O texto conclui que a violência contra a mulher atinge todos os aspectos da vida humana e está enraizada na cultura brasileira. Traz como alternativa o estabelecimento de uma contracultura que normatize as relações entre os gêneros.
Varela Nuria	2012	<i>Cansadas: una reaccion feminista frente a la nueva misoginia</i>	Analisar a nova misoginia e quem são os emissores dos novos - ou reciclados - discursos que o alimentam.	O estudo apresentou dados estatísticos relacionados a violência de gênero na Espanha. Se os números.	Apresentou o conceito e relatos da misoginia, a fim de abordar a realidade do assunto e trazer reflexão

Fonte: produção exclusiva das autoras.

Conforme os autores Moterani e Carvalho (2016), em sua obra “Misoginia: a violência, contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica”, tem como objetivo compreender a historicidade desta disparidade, de forma a entender que a misoginia é em sua essência uma invenção, e não um fato histórico. De acordo com os estudos do autor supracitado, acredita-se que a misoginia se dá pelo ódio e o desprezo para com as mulheres. Apresentou-se como posturas misóginas presentes na mitologia do mundo antigo abrem espaço para a concepção de que a misoginia é uma construção social que traz prejuízo até os dias atuais.

De acordo com Fonseca e Lucas (2006), Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas, tem por objetivo investigar as principais consequências psíquicas trazidas à mulher vítima dessa violência, assim como os fatores que a predispõem. Considerou-se que a violência contra a mulher causa danos tanto a saúde física quanto psíquica das vítimas, incumbindo a Psicologia a compreender as diferentes formas de manifestação desse fenômeno bem como

garantir uma intervenção que propicie o surgimento de novas alternativas para lidar com esta situação.

Salienta o autor Silva, Garcia e Marques (2019), A misoginia mascarada de amor nas músicas sertanejas: repercussões na saúde da mulher, seu objetivo é revelar a reprodução social dos estereótipos de gênero e fornecer subsídios para a conscientização dos papéis femininos e masculinos em nossa sociedade, visando contribuir para a promoção de relações afetivas mais saudáveis. Propõe-se que sejam elucidados os padrões culturais machistas e misóginos propagados pelos enredos da música sertaneja de forma a conscientizar os ouvintes e a população geral, de modo a promover a ruptura de discursos que discriminam a mulher.

Segundo Varela (2012), La Nueva misoginia, seu objetivo é analisar a nova misoginia e quem são os emissores dos novos -ou reciclados- discursos que o alimentam. O estudo apresentou dados estatísticos relacionados a violência de gênero na Espanha. Apresentou o conceito e relatos da misoginia, a fim de abordar a realidade do assunto e trazer reflexão. Ainda conforme o estudo ressalta que a violência contra as mulheres e a violência de gênero estão longe de desaparecer, é possível ver estatisticamente sobre, apesar das políticas públicas, o aumento dessa violência.

A ideia de Pakrauskas (2019), a irritação é um fenômeno cultural e social, em que vários tipos de violências estão articulados, de forma conceitual, foi tratada por vários estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento, como: violência econômica, violência política, violência simbólica, violência institucional, violência psicológica e violência social. A violência doméstica ela acaba surgindo de várias maneiras, em diferentes contextos, com isso intensifica a misoginia na conjunção sociocultural e econômico. A desigualdade entre homens e mulheres é visível, tendo a necessidade de entender a violência contra as mulheres.

Conforme Strey (1998), “gênero, então, refere-se como a sociedade desenha seus indivíduos como homens ou mulheres. É a partir da infância que definimos nossos hábitos, valores e moral.” Desde pequenos é observado que os meninos são direcionados para serem mais fortes, corajosos e competitivos, já as meninas são educadas para serem passivas e submissas. Um caso válido concerne a escolha dos brinquedos para as meninas: normalmente é indicado brincadeiras domésticas, para incentivar ser dona de casa, e os meninos: brincadeiras como jogar bola, brincar de carrinho, para incentivar a fazer ‘coisas de menino’.

Segundo Aguiar e Pelá (2020) a educação, em especial a familiar, guia o garoto para ser o mais viril, aventureiro, competitivo e inteligente, enquanto as meninas são educadas para não apresentar questionamentos e resistências. Mista que na sociedade atual, há uma segregação latente no que tange ao ideal imaginativo dos mundos masculino e feminino. As divisões de tarefas, inclinações de preferências, modelo de brincadeiras entre crianças e até cores estão estabelecidas a partir de uma ótica machista e que muitas vezes é fomentada pelo próprio núcleo familiar.

Pires (2019), destaca as mulheres diariamente morrem e são agredidas física e psicologicamente. Estudos apontam que o feminicídio – o crime de ódio baseado no gênero – vem se tornando, gradativamente, presente na rotina dos brasileiros. Infelizmente, a maior parte dos crimes originaram-se por motivações banais e sem fundamentos, são provenientes de companheiros ou ex-companheiros que julgam a mulher como objeto de posse. Destaca-se incidência da violência contra a mulher reforçando o estereótipo de que o homem possui direitos sobre as mulheres.

Segundo Trasferetti (2019), a violência contra as mulheres sempre foi marca dominante na cultura latino-americana. Frequentemente é vista pelos meios de comunicação de massa de forma contínua, envolvendo pessoas ricas e famosas. Trata-se de uma questão que se faz presente em todas as camadas da população. Ela é antiga e atinge as mulheres de múltiplas formas. Está relacionada com a instabilidade emocional, física e mental. Envolve questões de economia, política, cultura, gênero, valores, comportamentos, palavras, olhares, e tantas outras características.

Trata-se de um cotidiano que mistura as questões de trabalho, vida familiar, afetividade, transporte coletivo, vida em sociedade. A violência contra as mulheres reflete o pecado individual, social, estrutural de forma singular e coletiva em relações assimétricas de poder. Estamos costumeiramente habituados a viver numa cultura que estimula desde o nascimento até a morte uma educação desigual.

Moterani e Carvalho (2016), A misoginia é o prejuízo mais antigo do mundo é definido como um ódio ou aversão às mulheres, podendo manifestar-se de várias maneiras. Apresentou-se como posturas misóginas presentes na mitologia do mundo antigo abrem espaço para a concepção de que a misoginia é uma construção social que traz prejuízo até os dias atuais. Concluiu-se que expressões de passividade frente a violência não são algo presente na natureza feminina e sim, parte de uma série de construções sociais com traços misóginos em diversas culturas.

Ressaltando Fonseca e Lucas (2006), A violência doméstica contra a mulher recebe esse nome por ocorrer dentro do lar, e o agressor ser, geralmente, alguém que já manteve, ou ainda mantém, uma relação íntima com a vítima. Essa violência é um grave problema que evidencia uma cultura machista que não prejudica apenas as mulheres e deve ser reconhecido e enfrentado não só pela sociedade, mas também pelos órgãos governamentais.

Diante de Silva, Garcia e Marques (2019), O presente artigo apresentou o machismo como um elemento sociocultural que favorece a reprodução dos rótulos reducionistas. A misoginia, propagada por meio das letras de músicas sertanejas, reforça a relação de poder e padrões culturais masculinos e femininos, além disso ressalta-se algumas características: desenvolvimento de uma autopercepção de incapacidade, inutilidade e baixa autoestima pela perda da valorização de si mesma e do amor-próprio. Mas além disso a mulher se sente inútil, ocasionando uma depressão.

Conforme os autores Moterani e Carvalho (2016), comentam sobre a historicidade da violência contra a mulher, explicando o que significa o termo Misoginia, definindo sentimentos de aversão, já Fonseca e Lucas (2006), relatam a violência contra a mulher e o que pode afetar em seus aspectos psicológicos. Todos os dias mulheres são agredidas física e psicologicamente e muitas vezes acabam morrendo, as que sobrevivem vão enfrentar percorrer um longo caminho, para se curar. Estudos apontam que o feminicídio – o crime de ódio baseado no gênero vem se tornando, gradativamente, presente na rotina dos brasileiros.

De acordo Silva, Garcia e Marques (2019), misoginia mascarada de amor nas músicas sertanejas traz padrões culturais machistas e propagados pelos enredos das letras de forma a conscientizar os ouvintes, já Varela (2012) analisa a nova misoginia e quem são os emissores dos novos -ou reciclados- discursos que o alimentam e ressalta que a violência contra as mulheres e a violência de gênero estão longe de desaparecer. Os dois autores utilizam o termo Misoginia, porém no primeiro discute-se sobre a música sertaneja, que ressalta o machismo, e o segundo texto traz dados estatísticos que mostram a globalidade de seus resultados.

Em comparação com outros autores Moterani e Carvalho (2016), Fonseca e Lucas (2006), Silva, Garcia e Marques (2019) e Varela (2012), falam sobre a misoginia embutidas em palavras e ações visíveis que as mulheres desde o início têm medo de reconhecer ou mesmo aceitar esses efeitos negativos, que trazem consequências

tanto a saúde mental quanto física dessas mulheres, destacando o machismo nas músicas sertanejas, influenciando cada vez mais esses tipos de atitudes, prevalecendo a supremacia masculina e conseqüentemente considerando essas atitudes 'normais'.

Moterani e Carvalho (2016), Fonseca e Lucas (2006), Silva, Garcia e Marques (2019) e Varela (2012), que foram texto que auxiliaram no embasamento teórico do trabalho realizado. É um tema extremamente relevante, pois cada vez mais a sociedade se conscientizar sobre o Misoginia, é um sentimento de aversão patológico, que representa repulsa pelas mulheres e valores femininos, se traduz como uma prática comportamental machista, cujas opiniões e atitudes visam o estabelecimento e a manutenção das desigualdades e hierarquia entre os gêneros.

O texto de Moterani e Carvalho (2016), abordaram sobre o termo Misoginia que traz consigo sentimentos de ódio, repulsa e aversão às mulheres, enfatizando os fatos históricos sobre a violência contra a mulher, podendo apresentar-se de várias maneiras, como: difamação, discriminação sexual, violência, entre outras formas de manifestação. Já Fonseca e Lucas (2006), comentam sobre como a agressão doméstica acaba prejudicando a vida social, saúde física e mental das vítimas, podendo manifestar-se de várias maneiras, incluindo a desde agressões físicas e psicológicas até o feminicídio.

Destacam os autores Silva, Garcia e Marques (2019), como a misoginia mascarada de amor nas músicas sertanejas, validam a teoria machista e a posição subalterna da mulher, dando-se assim a reprodução social dos estereótipos de gênero (sendo sempre o sexo oprimido). A sociedade já designa papeis aos homens e as mulheres, sendo o homem sempre o forte e o corajoso, a mulher aquela que é amparado pelo homem sedo doce, fraca e passiva. São esses pensamentos que reforçam os estereótipos sobre como a mulher deve ser submissa ao homem, comprovando como é vista a mulher brasileira.

A ideia de Pakrauskas (2019), a disparidade entre homens e mulheres surge também na contemporaneidade trazendo a compreensão sobre a necessidade de entender o contexto de violência contra as mulheres, o patriarcado, intensificando a misoginia no contexto sociocultural e econômico. Conforme Strey (1998), na infância que definimos nossos hábitos, valores e moral. Desde muito cedo observamos que os meninos são direcionados para serem mais fortes, corajosos e competitivos à medida que as meninas são educadas para serem passivas e submissas.

5 OS IMPACTOS SOCIAIS CAUSADOS PELA MISOGINIA

Falar a respeito do impacto social que causa a misoginia é relatar contextos de diferentes aspectos que estão inteiramente ligados ao ódio ou aversão a figura feminina. É relatar a existência do feminicídio que é definido como forma extrema de violência de gênero que resulta na morte da mulher. Na sua justificação, a menção a diversas definições teóricas e legalmente utilizadas, tais como assassinato relacionado a gênero, morte de mulher por ser mulher, crime de ódio contra mulheres, manifestação extrema de formas existentes de violência contra mulheres revela a diversidade da nomeação desse fenômeno (BRASIL, 2013, p. 103).

Com consideráveis consequências sociais e culturais ao longo da história do Brasil, a violência caminha presente e em crescimento na sociedade brasileira, apresenta-se como uma forma de relação social, que tem um modo individual de entender o mundo e os seres humanos. A dinâmica violenta é desvendada por Freire (1987), que afirma que a opressão, com e sem força física, introjeta no oprimido o modo de pensar e de ser do opressor.

Existe poder de persuasão na violência de forma que impacta na vida social da mulher de um jeito pouco perceptível quando não bem analisado, e Freire (1987) explica a dinâmica violenta a partir de quando um sujeito conquista algo e de como ele age ao perceber domínio disto, e de maneira complexa, porém com riqueza de detalhes, fazendo um recorte de suas palavras, ele diz que:

[...] por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser, como dissemos já, “hospedeiro” do outro. Desde logo, a ação conquistadora, ao “reificar” os homens, é necrófila. (FREIRE, 1987, p. 70).

“Não há mulata bonita, que não seja cozinheira, que não tenha os beijos grossos de lambar a frigideira.” (MOTA, 1968b, p.14) No artigo Culinária e doceria, do livro votos e ex-votos, Mauro Mota reproduz esse verso, comprovando como é vista a mulher brasileira, reforçando estereótipos ao gênero feminino e não apenas isso, mas também estereótipos raciais. O pensamento misógino está tão inveterado na construção que é romantizado entre versos e poesias, fomentando uma habitualidade, aludindo mais uma repercussão social misógina.

O Brasil é um país marcado por desigualdades: sociais, econômicas, regionais, etárias, educacionais. Enviesado a estas, transpassando e otimizando os seus

mecanismos de exclusão, estão as desigualdades de gênero e de raça. A permanência do legado cultural escravocrata e patriarcal é, ainda, de tal forma profunda que, persistentemente, homens e mulheres, brancos e negros continuam a ser tratados desigualmente. (PINHEIRO *et al.*, 2009) Sendo assim, pode-se dizer que se enquadra em mais uma causa de impacto social ocasionado pela misoginia.

6 AS CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS PARA A VÍTIMA

A misoginia pode ocasionar diversas consequências para mulher e uma delas é o desenvolvimento de uma autopercepção de incapacidade, inutilidade e baixa autoestima pela perda da valorização de si mesma e do amor próprio. E com isso, para tentar suportar essa realidade, a mulher precisa abdicar não somente de seus sentimentos, mas também de sua vontade, ocasionando grandes fatores emocionais, podendo levar a problemas mentais, uma depressão, ansiedade. (MILLER, 1999)

Outra consequência da misoginia é a violência doméstica, sobre isso Kashani e Allan (1998, p. 4) vão falar que existem alguns “sintomas psicológicos frequentemente encontrados em vítimas de violência doméstica que são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite.” Capazes de levar a psicopatologias já citadas mais acima e também outras como, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos de autocomiseração, suicídio e consumo de álcool e drogas.

As vítimas relataram que muitas vezes negam a situação, encobrem, escondem, não demonstram em público, ficam reclusas, não saem de casa, limitam-se socialmente restringindo as amizades, vivendo praticamente em condições de confinamento, trazendo a vergonha foi mais um sentimento amplamente descrito. Mostrando um estado de distanciamento do seu “eu”, o que colabora a uma vulnerabilidade maior a doenças psicossomáticas. (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012)

Segundo Monteiro e Souza (2007), a indiferença com que as mulheres são tratadas contribui para que elas permaneçam na inautenticidade. Os autores confirmam o que acarreta esse estado de desamparo. Goleman (2003) também vão trazer que, a racionalização é uma das estratégias mais comuns da negação dos verdadeiros motivos do sujeito, cobrindo e bloqueando o verdadeiro impulso que

provocou o ato agressivo, substituindo-o por outro, inventado. Somando a essa construção a explicativa das consequências emocionais que trazem para a vítima.

Silva (2019) em recorte de sua fala colabora com o assunto em questão, dizendo que, "...mecanismos de exclusão durante a trajetória histórica da mulher contribuíram negativamente para a representação feminina na sociedade e para a violação dos direitos humanos..." (SILVA, 2019. p. 4) Portanto, só reafirma todo conteúdo levantado e há necessidade de abordar sobre e levantar olhares a respeito de um fato que é adoeecedor para as mulheres, e não em um só um caso de discriminação sexual e objetificação, o que já seria problemático.

Pires (2019), comenta que diariamente mulheres são agredidas física e psicologicamente. Vale salientar que essa visão patriarcal e machista transpassa gerações, por consequência disso, reduz a mulher aos padrões impostos e reconhecidos pela sociedade. Segundo Trasferetti (2019), a violência contra as mulheres é bem antiga e tem contexto histórico, atinge as mulheres de várias maneiras, instabilidade emocional, se acha inferior as outras pessoas, sente-se fracas, esses impactos sociais, emocionais e físicos, fazem com que as mulheres se fortaleçam e busquem ajuda.

Atualmente existem inúmeras entidades que trabalham no combate a qualquer ação que venha ferir ou trazer danos a integridade e bem estar da mulher. Assim, torna-se uma luta diária a garantia do seu direito e espaço diante da sociedade. Embora existam conquistas sociais significativas frente a esse tema, até então é possível observar a discriminação de gênero. Ao colocar-se numa posição de inferiorização em relação aos homens, frequentemente desvalidando seus discursos e minimizando suas vivências. (DA SILVA PIRES, 2019)

A lei em destaque que combate a misoginia é a Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a

Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, a fim de prevenir, punir e erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião. (BRASILIA, 2019)

Segundo a Lei Maria da penha, violência física pode ser entendida como aquela que deixa marcas no corpo, tais como arranhões, chutes, tiros, queimaduras entre

outros, já a sexual ocorre quando o agressor impõe que a vítima participe, mantenha ou assista uma relação sexual sem o seu consentimento. A patrimonial consiste na destruição de bens da vítima, como documentos e objetos, a moral está relacionada à calúnia, difamação. A violência psicológica é caracterizada como qualquer tipo de comportamento que venha causar prejuízos emocionais. (BRASILIA, 2019)

Reduzir as desigualdades entre homens e mulheres e fortalecer a autonomia feminina nos mais diferentes espaços da vida social, são os objetivos do Plano Nacional de Políticas para Mulheres (PNPM), cuja segunda edição, lançada em março de 2008, traz um conjunto de quase 400 ações distribuídas em torno de 11 eixos temáticos que abordam aspectos como os mais tradicionais: trabalho, saúde e violência. Trazendo força para mudanças, promovendo destaque no quanto é necessário estimular e viabilizar a temática, afim de haver melhorias. (PINHEIRO et al., 2009)

Aguiar e Pelá (2020) vai falar que os estudos apontam que desde as primeiras organizações sociais humanas já é possível perceber que há divisão social do trabalho, entre homens e mulheres, nas funções produtivas e reprodutivas. Este é um dos fatores que contribuiu para o processo de submissão da mulher em detrimento do homem, uma vez que no processo de divisão social do trabalho e das funções cabia aos homens, como principal atividade, o trabalho produtivo e para as mulheres o trabalho doméstico que além de distanciá-la do trabalho produtivo, e a coloca o lar como limite da sua atuação e vivência de poder.

Aguiar e Pelá (2020) também afirma que em 2006 a introdução da lei Maria da Penha era prevista uma baixa do número de mulheres em território nacional brasileiro, no entanto não houve, em dados colhidos pelo Mapa da Violência 2015, consta homicídios de Mulheres no Brasil, onde também é apresentado um aumento entre 2008 e 2013. E em sua pesquisa detalha o número ou taxa por 100 mil habitantes, os números entre 2006 que exibe 4.022 números homicídios de mulheres por 100 mil habitantes, em 2007 esse número apresenta uma certa baixa, caindo para 3.772, e a tendência seria somente a decadência desses números devidos uma lei de proteção as mulheres. No entanto, em 2008 – 4.023 (4,2); 2009 – 4.260 (4,4); 2010 – 4.465 (4,6); 2011 – 4.512 (4,6); 2012 – 4.719 (4,8); 2013 – 4.762 (4,8).

Trazendo os dados apresenta-se a importância de perceber as pequenas alterações com as leis que surgem para defender as vítimas de violência de gênero. E o que se diferencia o homicídio contra as mulheres do feminicídio a relação próxima

e que é um dos pressupostos que ajudam na pesquisa dos casos. Os movimentos sociais são outros movimentos que no cotidiano lutam contra as injustiças sociais, portanto é interessante destacar alguns grupos que lutam pela igualdade e que resistem ao processo. (AGUIAR E PELÁ, 2020)

Portanto Aguiar e Pelá (2020) ressalta falando que os movimentos sociais são as primeiras resistências contra esse processo de desigualdade e injustiça social, seja pelo movimento feminista (sufragistas; ciberativistas e entre outras que lutam pela liberdade e igualdade de condições entre homens e mulheres) ou por coletivos masculinos de prevenção de sua própria toxicidade, que buscam tratar o machismo em si e fora de si. O machismo e todas as suas subseqüências formas de opressão estão enraizados na cultura social, comportando-se como algo que perpassa barreiras étnicas, raciais, de classes sociais e nível de intelectualidade, instaurado como uma cultura de toxicidade que atinge a todos.

Dois coletivos importantes que surgem com esse propósito é o Resignificação Masculinidade e o Brotherhood que resiste na luta contra o movimento reacionário contra a igualdade dos sexos. É importante ressalvar esses grandes modelos de resistência para a luta de uma sociedade machista e reacionária. (AGUIAR E PELÁ, 2020) Não obstante, pode-se observar que lutas e ideologias emergem deste cenário nefasto, traduzindo o iminente cansaço das vítimas de tal mal e sendo capaz de despertar a população no que se refere a banalização do exagerado senso de orgulho masculino, que resulta nas variadas configurações de opressão já citadas neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas contribuições dos autores usados no presente trabalho, a misoginia foi apontada como ódio, aversão, ou até mesmo desprezo as mulheres, bem como a vastidão de suas consequências emocionais na mulher brasileira. Sendo a misoginia uma emoção de ordem patológica, transposta ao longo de toda vivência humana, acarretando grande prejuízo ao desenvolvimento da autonomia feminina, é possível perceber como esse fenômeno tem raízes profundas na sociedade contemporânea.

Os assuntos do artigo em questão também relatam que a violência que a mulher sofre no seu cotidiano, está incorporada e enraizada nos ideais do eu, por isso, essas práticas são aceitas e tidas como corretas ou adequadas. Em decorrência da

naturalização, debatida como consequência do ideal de eu, observa-se não apenas a dificuldade das mulheres de se retirarem de tal situação de violência, mas em virtude do aparecimento do sentimento de culpa, se sentem conseqüentemente coagida a se resignar e manter uma atitude o avesso, dócil ou passiva.

Visto que a violência contra a mulher é política, econômica, étnica, histórica e profundamente enraizada na cultura brasileira, e que o Brasil é um país marcado pela desigualdade socioeconômica que permeia a desigualdade de gênero, alimentada por uma sociedade majoritariamente patriarcal, foi observada a importância de se discutir sobre a disparidade entre os gêneros, que apesar das leis já existentes, ainda se faz presente no cotidiano das mulheres brasileiras. Trata-se de uma violência que abrange todos os aspectos da vida humana.

O corpo, em sua materialidade física e psicológica, sofre seus danos de forma agressiva. Entretanto, é possível estabelecer práticas que combatam essas formas de viver e produzir uma contracultura que busque normalizar as relações entre os gêneros, gerando uma cultura do cuidado, do respeito e da convivência harmoniosa entre todos os seres. Portanto, se mostra importante a ruptura desse ciclo e em virtude disso, acredita-se ser necessário o desenvolvimento de mais pesquisas neste campo, criando o compromisso que as ciências e a filosofia carregam consigo de construir uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *We should all be feminists*. Londres: Fourth State, 2014.

AGUIAR, R. Q. D.; PELÁ, M. C. H. **MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO**. 2020. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/10842>>. Acesso em: 17 set. 2021.

AMÂNCIO, Lígia. O gênero na psicologia: uma história de desencontros e rupturas. **Psicologia**, n. 1, p. 9-26, 2001.

AMARAL, T. de L.; LINS, A. M. G. Recife, metrópole amarga do Regionalismo: misoginia, sexismo e relações de gênero da obra de Mauro Mota (1940-1980). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 33, p. e0209, 2021. DOI: 10.5965/2175180313332021e0209. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313332021e0209>>. Acesso em: 10 out. 2021.

ARAÚJO, Saulo de Freitas (2006). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In: Ana Maria Jacó – Vilela, Arthur Arruda Ferriera, & Francisco Teixeira Portugal (Eds.), **História da Psicologia: Rumos e percursos** (pp.93-104). Rio de Janeiro: Nau.

AVIGLIANO, M. **Las Cartas Marcadas**. Outubro 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/las12/13-6058-2010-10-22.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo/ fatos e mitos** / Simone de Beauvoir; Tradução Sergio Milliet. – 3°.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **A experiência vivida, volume 2** / Simone de Beauvoir; Tradução Sergio Milliet. – 3°.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRAGA, E. S. **Breve história da construção misógina do Ocidente Cristã**. 2013. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 17 set. 2021.

BRASIL. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Relatório final. Brasília: Senado Federal, 2013.

BRASILIA. SENADO FEDERAL. (ed.). **Lei Maria da Penha e normas correlatas**. 2019. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566467/lei_maria_da_penha_e_normas_correlatas_1ed.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

BUTLER, Judith. **Défaire le genre**. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

FONSECA, D. H. da; RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. **Violência Doméstica Contra a Mulher: realidades e representações sociais**. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHnt9s/?format=pdf&lan=pt>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FONSECA, P. M. da; LUCAS, T. N. S. **FUNDAÇÃO BAHIANA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA**. 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1987. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FREUD, Sigmund. **Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica**. Obras Completas (cap. XII, Vol. III, pp. 482-491). Madrid: Nueva. (Original work published. 925), 1967.

GEVEHR, D. L.; SOUZA, V. L. de. **As mulheres e a igreja na idade média: misoginia, demonização e caças às bruxas**. 2014. Disponível em: <<http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38>>. Acesso em: 15 set. 2021.

GOMES, L. D. **A ORIGEM DO PATRIARCADO: da veneração à opressão da mulher**. 2019. Disponível em: <<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/164/161>>. Acesso em: 17 set. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004. p. 1934.

HOLLAND, J. **Una breve historia de la misoginia: el prejuicio mas antiguo del mundo**. Mexico: Editora Oceano, 2010, p. 442, 443.

JOHNSON, A. G., *Misogyny*, In: **Blackwell Dictionary of Sociology: a User's guide to sociological language**. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.

KASHANI, J. H.; ALLAN, W. D. **The impact of family violence on children and adolescents**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: Masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, M. *Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida libre de violencia*. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. XLIX, n. 200, p. 143-165, maio-ago, 2007. Disponível online: Acesso em: 9 set. 2021.

MILLER, M. S. **Feridas Invisíveis: Abuso não-físico contra mulheres**. 2. Edição. Summus: São Paulo. 1999.

MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. D. **MISOGINIA: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NUMA VISÃO HISTÓRICA E PSICANALÍTICA**. 2016. Disponível em:

<Misoginia%20a%20violencia%20contra%20a%20mulher.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

NARVAZ, Martha Giudice. **A (in) visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem (se) política.** 2009.

PAKRAUSKAS, B. D. G. MISOGINIA E A VIOLÊNCIA SEXUAL REFLEXÃO SOBRE RELATOS DE SOBREVIVENTES. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019.** 2019.

PINHEIRO, L. (ed.). **Retrato da desigualdade de gênero e raça.** 2009. Disponível em:
<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3223/1/Livro_RetratoDesigual.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.

PIRES, Rosely Maria da Silva; CASOLI, Rosemary; PIRES, Olavo Silva; GOUVEA, Roberta Susano. **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: O MACHO CRIA O MUNDO E O MUNDO CRIA O MACHO.** 2019. Disponível em:
<<https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/30630>>. Acesso em: 17 set. 2021.

RIBEIRO; LEAL, 2012: FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média:** Referências obrigatórias, Série Estudos Medievais 2. Araraquara: Fontes, 2009. Disponível em:
<<http://www.gtestudosmedievais.com.br/index.php/publicacoes/fontes.html#>>. Acesso em: 10 out. 2021.

SANTOS, Luana Carola dos *et al.* Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista Psicologia & Sociedade (1996-2010). **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 589-603, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: ED UFPR, 2010.

SILVA, Isabella Franchi; GARCIA, Lucas França; MARQUES, Andréa Grano. **A MISOGINIA MASCARADA DE AMOR NAS MÚSICAS SERTANEJAS: REPERCUSSÕES NA SAÚDE DA MULHER.** 2019. Disponível em:
<<http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3802/1/Isabella%20Franchi%20Silva.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2021.

SPENCE, J., DEAUX, K., 6c HELMEICH, R. L. (1985). Sex roles in contemporary American society. In G. Lindzey 6c E. Aronson (Eds.), **Handbook o f social psychology** (vol. 2,3.* Ed.). Nova Iorque: Random House.

SIQUEIRA, Maria Juracy T. A(s) Psicologias e a categoria gênero: Anotações para discussão. In André V. Zanella, Maria Juracy T. Siqueira, Louise A. Lulhier, & Susana Molon (Eds). **Psicologia e práticas sociais** (pp. 271-279). Porto Alegre: ABRAPSO, 1997b.

STARR, T. **A voz do dono:** cinco mil anos de machismo e misoginia. São Paulo: Ática, 1993, p. 11, 28, 29.

STREY, M. N. (1998). "**Gênero**". In: M. da G. J., M. N. STREY, N. M. G. BERNARDES, P. A., S. A. CARLOS & T. M. FONSECA (orgs.). *Psicologia social contemporânea: livro texto* (p.181-198). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes

TRASFERETTI, José Antônio. **Misoginia e a violência contra a mulher**. 2018. Disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/262>>. Acesso em: 10 out. 2021.

Unger, R. K. (1998). **Resisting gender**: Twenty-five years of feminist psychology. Londres: Sage.

VARELA, Nuria. **La nueva misoginia**. 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4055493.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2021.